

MORMAÇO

Zico

Recebi seu telegrama; grande abraço para vocês dois. Aqui não há muito de novo; saiu da Cexim o Simões Lopes, entrou o Coriolano de Góis. Sim, aquêle mesmo do tempo de Washington; você vê, os homens voltam, o Brasil é assim. Dizem que êle foi nomeado, entre outros motivos, por dois: ser amigo do Beijo, e inimigo do Ademar. Na UDN há muita gente que começa a olhar diferente o dr. Getúlio, com medo do Ademar; êste é agora (não mais o comunismo) o bichopapão providencial para favorecer Vargas. Quanto ao Aranha, a impressão que me deu um homem da UDN é que êle não quer que o Aranha vá para o Ministério da Fazenda como homem da UDN; mas quer que vá. Você sabe que eu não entendo muito dessas coisas; elas produzem em mim um obscuro tédio.

Do Rio eu direi que em certos lugares a cidade está mais bela. Fazem, por exemplo, jardins junto às pistas novas de Botafogo; e há dois canteirinhos bonitos de um lado e de outro do Túnel. Mas ir para casa à tarde continua a ser um inferno cada dia pior. A cidade se embeleza, e fica mais difícil e mais cara. Em todo caso, ainda há bananeiras em cima dos morros e ainda há mar; ontem houve até lua.

Está dando uma espécie de gripe que ataca o fígado. Acho que tive isso; senti um ataque de frio doloroso, quando fazia calor; hoje sai para a rua meio aéreo, meio bobo, e fraco. Essa espécie de convalescência, êsse estado de meia doença, que me tira a vontade de beber, de comer e de trabalhar, me dá ao mesmo tempo uma espécie de lirismo difuso e bom. E uma vontade de carinho. Doença tem alguma coisa de infância; e reparê que doença é uma palavra linda — ao contrário, por exemplo, de moléstia, que é desagradável.

Você vê, eu estou divagando. Andar na rua me atordoia. Cheguei e tirei o paletó, e tinha uma sombra e um ventinho tão fresco; entretanto eu tenho que sair. E' como a gente viajando a cavalo num dia de mormaço, e entra num trecho em que a mata é tão grande que quase fecha por cima o caminho, e então há um pequeno córrego onde se deixa o animal beber. Na hora de tocar a viagem, a gente sente uma certa pena; o cavalo, com certeza, também.

Eu sou como êsse cavalo: carrego nos lombos o pêso da vida urbana. Agora me puxam os freios, por onde escorre a água. Vou continuar meu trote no mormaço. Adeus. Zico.

5/9/52

R. B.

142